

DE GORDURA E MAGREZA

Eunice Dutra Galery

Carlota foi sempre gorda. Bebê roliço, cheio de dobrinhas, criança obesa, adolescente lutando contra a gula, levando a pior, perdendo sempre a batalha diante de um bolo de chocolate, um doce em calda ou uma bela macarronada. Engordava sempre, desistiu de lutar, aboliu os regimes, tornou-se a gorda simpática, alegre, sacudindo as banhas em risadas estrondosas. Aos vinte e oito anos, veleidades de casamento esquecidas, era um monumento de gordura: nada lhe faltava, nem a dupla papada, nem os seios enormes, os pneumáticos na barriga, as coxas a descerem pelos joelhos, os braços de mortadela. Já quase não saía, debruçando-se na janela para ver o movimento da rua, enquanto mastigava interminavelmente. E quando saía, era um espetáculo digno de se ver: o corpanzil, que já não se preocupava em apertar em cintas, estourando as costuras das roupas, estava sempre mais gorda que da última vez, equilibrando-se precariamente em saltos altos. Lembrava uma porquinha de enormes pernis e pés pequenos. Porque Carlota tinha pés delicados, bem feitos, pequeninos, sua única vaidade. Quando voltava para casa, seu primeiro cuidado era para com eles: lavava-os cuidadosamente, massageava-os com creme, tornava a enxaguá-los em água morna, enxugava-os delicadamente, passava-lhes talco e enfiava-os em macios chinelos acolchoados, tudo com enorme sacrifício, pois não lhe era fácil atingir os próprios pés, dela separados por uma barreira montanhosa de gordura.

Num espaço de dois anos, morreu-lhe o pai, depois a mãe. Com o desgosto, Carlota comia ainda mais. Era um constante

mastigar, um mastigar sem descanso, pantagruélico, alucinante. A renda que lhe deixaram os pais era quase inteira consumida pelo enorme aparelho de digerir. Carlota se debruçava na janela e mastigava. Tratava dos pés e mastigava. Olhava as novelas na televisão, fazia tricô e mastigava. Do hábito de se debruçar à janela, vieram-lhe duas conseqüências: criou calosidades nos cotovelos e reparou num senhor, já nem tão jovem, que pontualmente passava em frente a sua casa, dirigindo-se a alguma repartição ou escritório. Era pequenino e magro, magreza ascética, meticulosa. Em passar todos os dias à mesma hora, acabaram por se cumprimentar, Carlota da janela, ele no passeio. Depois, ligeira parada para prosa de um dedo. E o hábito de passar mais cedo, para espichar o dedo. Um dia, o convite para entrar, a televisão meio esquecida, o recíproco descobrimento, afinidades que pareciam impossíveis, o amor enfim.

Um belo dia, Carlota, surpresa ainda e emocionada, se viu na Igreja, a casar com Alfredo, acontecimento testemunhado pelo bando de amigos e vizinhos, que não acreditavam no que viam.

Meses se passaram, de felicidade total. Alfredo era carinhoso e desvelado, trazia caixas de bombons que Carlota devorava num piscar de olhos e engordava um pouco mais. Só um pequenino senão perturbava sua total felicidade: nas raras vezes em que saíam, havia cotoveladas e caras de riso quando passavam, tão desproporcionado era o casal.

Um dia, Alfredo chegou em casa preocupado: a firma onde trabalhava queria enviá-lo para o estrangeiro, fazer um curso de especialização, coisa importante para sua carreira. Mas os recursos não eram suficientes para levar a esposa. Ficariam quase seis meses separados. Carlota ficou chorosa e à altura da situação: animou o marido, estimulou-o, preparou-lhe as roupas com o mesmo desvelo com que tratava dos próprios pés, levou-o ao aeroporto e ficou a dar-lhe adeus até que o avião levantou vôo. Do aeroporto, foi direto para a clínica de emagrecimento, projeto que acariciava há algum tempo. Em regime de internato, sofrendo as torturas do inferno, dia a dia foi conseguindo dissolver as banhas acumuladas em anos de comilância. Sua determinação surpreendia os médicos e massagistas, os

professores de ginástica e os fisioterapeutas. No fim de seis meses, véspera de Alfredo voltar, Carlota emergiu da clínica: criara asas, tão leve parecia. O rosto voltara a ter contornos precisos, o corpo era elegante, já não mais em desacordo com a delicadeza dos pés. Comprou roupas novas, penteou-se no cabeleireiro, pintou-se com capricho e foi para o aeroporto esperar Alfredo, com o coração aos pulos.

Novo Jonas, Alfredo saiu da barriga do avião: procurou Carlota, não a reconheceu na mulher esguia que correu a seu encontro. Desconcerto total, Alfredo não acreditava no que via: era mesmo Carlota? Entraram no táxi; enquanto a mulher contava a epopéia do emagrecimento, enriquecida com todos os detalhes, o marido apenas sorria, embaraçado.

Nos dias seguintes, ainda preso aos velhos hábitos, Alfredo trazia caixas de bombons que Carlota, com surpreendente força de vontade, agradecia sorrindo e guardava no armário, reservando-os para oferecer às visitas. Algum tempo se passou, Carlota não engordava uma grama. Elegante, bem disposta, perfumada, esperava o marido voltar do trabalho, com um sorriso nos lábios e um carinho especial. E quando saíam, agora mais freqüentemente, ninguém mais se ria deles: antes olhavam Carlota com olhos cobiçosos, Alfredo, invejosos.

Uma noite, Alfredo não voltou. Passou-se a hora costumeira, mais uma, outra. Carlota, louca de preocupação, telefonava para o escritório, Alfredo saíra à hora habitual; aos amigos, não, Alfredo não estava lá; à polícia, nenhum acidente registrado; ao necrotério, não, ninguém com esse nome; aos hospitais, nada. Alfredo sumira. Desaparecera sem deixar pista.

Carlota, a elegante, consolada pelos amigos, amparada pelos vizinhos, foi amnésia, ataque de loucura, sabe-lá-o-quê?, teve notícia de Alfredo num bairro distante, vivendo numa casinha miserável, ao lado de uma prostituta gorda, gordíssima.



Beia